

DE UM DIÁRIO VELHO, PREAMBULAR DE OUTRO

por JOÃO FALCO

Espírito de guerra... que representa este espírito? Um sentimento de alvoroço, de alerta, de defesa, a excitação dada por uma afronta, um balbúcio de consciência? Representa... sabe-se lá bem o quê! O que é certo, porém, é que pela vida fora nos vamos regularmente apercebendo dos seus acessos, da sua erupção, dos seus ataques, da sua incitação belicosa, e que os vamos sempre sufocando. E geralmente em nome de ideais bem falaciosos e de bem ínfimas comodidades. Em nome disso, mas em razão da nossa inorganização moral, da nossa ignorância e insegurança de poderes e de valores.

Se eu tivesse sabido dizer isto de uma forma mais graciosa e menos enfática! O desabafo enfático é insuportável. Mas usamo-lo, até sem querermos.

Havia um tom discreto, que não sei se ainda há, exactamente prudente e discreto para não ser insultuoso, manifestado em palavras, expressões de rosto e de gestos, atmosferas de casas, etc. que me entendendo, existiram condicionalmente superiores e inferiores. A convenção que subtil e correctamente, muito naturalmente se exalava dessa atmosfera educativa, cheia de cômoda impregnação social, inspirou-me sempre o respeito pelos superiores, categorizou-me de inferiores. Esta categoria não era, porém, de todo molesta. O inferior, necessário ao superior, não era brutalmente desestimado por este. O professor, o burocrata, o homem-rico, o homem de sociedade, etc., eram indulgentes para o seu inferior. A superioridade estava muito dividida e morigerava-se quanto a efeitos coercitivos, contentava-se, a bem dizer, com formalidades. Ao inferior, nas suas relações com o superior, bastava um ligeiro tom de reverência e aparente modéstia na ambição.

Nota, porém, com aflicção, que tudo isto, tão amavelmente composto, se vai decompondo... que o nosso eixo social se movimentou e perde o seu antigo equilíbrio. Hoje, a minha inferioridade tem de se reconhecer e confessar estrutural e não condicional, acidental. Estrutural! Eu devo admitir a extensão, íntima investigação, ingenuidade à minha inferioridade; em suma, de a considerar uma inferioridade insuperável. Entro nos usos sociais a distinção de castas mentais. Formam-se utilitariamente as mentalidades; a inferior já não é acidentalmente inferior, nem o superior cultiva bonacheironamente a sua superioridade. Pobre de mim, e de outros! Estamos reduzidos à inferioridade irreverente. Para nós mais nenhuns enganos, nem sequer a confiança de nos roçarmos pelos superiores. Já-mais a ilusão de que a ciência é universal, de que a instrução é igualitária e liberalizável, de que não há hierarquias do espírito, etc.

Diz-me certo amigo ou inimigo meu, desconhecido, sem nome, encoberto, tímido, invencível, meu senhor e mentor: serás irremediavelmente pobre, está provado que não tens alma para mais, a tua condição é a de pobre! Mas a tua pobreza não será amável nem tranqüilla, digna, grata a Deus e aos poetas; ninguém te poderá dar nomes como o de piedosa e abnegada. Trabalharás, concedo-te que trabalhes, mas sem nobreza, confundindo com todos os impotentes e mal dotados; serás necessariamente do número dos humildes e dos fracos; haverá eternamente humildes e fracos. Serás do número destes e também do dos irrequietos, dos incultos e irrequietos. A placidez e a cultura te confundirão, te farão chorar as lágrimas da desordem punida.

Elas estarão estampadas na face bela de uma medalha, e as tuas ridículas qualidades de existência na outra. Mas tudo para bem, tudo para que haja moral e sociedade, tudo para que a humana inteligência não adormeça e decline na indolência, na contemplação de panoramas sem variedade.

Al, aquele velho... E se eu venho algum dia a cair numa daquelas ratoeiras burocráticas? O velho e o outro, o novo, procuravam livros à minha frente, ao meio da sala. E creio que ficaram contentes com um, achado. É bom, é bom, dizia o velho, recebendo-o da mão do novo; o que agora não tenho é tempo para o ler. Procuravam, ao que entendi, subsídios para uma nova reforma.

Ao pé de uma janela, recatada, mandada sentar para esperar, eu sentia um pecado diabólico interior, entre benévolo e satírico, dispendioso, vendo-os naquela tarefa vã e ridícula, conhecendo, desde que tempos! o livro achado... um livro pobre, sem ideias, inútil, de amadorismo pedregoso.

Mos o bibliófilo novo, com uma grande testa nua, ampliada pela calva frontal, sério, condescendente, continuava sempre a remexer em livros, a folhear elegantemente primeiras folhas, a abrir tomos e a fechar tomos, colocando-os sobre uma mesa redonda, central... O tipo do eparvenus. Cientista ou literário? Certamente bom rapaz, bom rapaz; bom rapaz com pouco talento, como M. dizia de outro, fisicamente parecido com este.

Mas o velho, não deve merecer história! A sua história será a das suas funções. Conheci-o há três anos, já em várias esferas se falava dele respeitavelmente. Foi levado a dar-lhe um rol de explicações sobre trabalhos de crianças, que o não interessavam. Mas em virtude de ele ser uma figura representativa... Os da sua côrte, obviando à minha imprevidente levandade, de momento me educaram protocolarmente.

Toda aquela grave e breve comédia, aliás infinitamente repetida e variada, comédia das dignidades e das funções, deve ter ficado a viver à solta nalgumas memórias, mas deve estar também a ser refrescada e actualizada onde quer que a sua necessidade surja...

Lamento não ter aparecido já o romancista, nem sequer o historiador desta qualidade de factos. Não se prestariam frutuosamente à crítica e ao romance? Darjam as obras monótonas, delineadas, banais e trágicas, sem reptos, que os leitores ainda conhecem mal, vivendo-nos tanto, realisticamente... Admiro que os profissionais das letras não tenham ainda dignamente nem suficientemente explorado tais temas. Será o quadro social que os atemoriza, a burocracia, que eles consideram tabú?

Quando eu estimava escrever com abribo, com animação, com aspereza, com brutalidade, até!

Tantas vezes me surpreendo a querer saltar a teia de delicadezas e de aproximações que o estilo da miúda análise tece, e em que se enreda... A descajar fazer pinturas largas e rápidas, em vez de cuidadosas miniaturas... Desejo que significa, sobretudo, saciedade dos pequenos fâmbros, das vidas contrafeitas, mesquinhas.

Disse isto, e logo parei, logo me detive a pensar: O que será, finalmente, as vidas mesquinhas? Devo defini-las. Mas definir... Desgraçada necessidade esta, a da definição! Permanente suspensão do espírito! No entanto, se não defino, como convengo, como me convengo, até? A definição é uma base da dialéctica. Temos de partir sempre de uma definição, implícita ou explícita no discurso, tenha este

que formalismo tiver; partirmos dela, apoiarmo-nos nela.

Mas eu já tinha definido vidas mesquinhas: contrafeitas. Contrafeitas; insuficientes; contrafeitas: parças.

Mas eu ousei criticar chorar as vidas mesquinhas? Não as canto nem as louvo? As vidas padroes, tão curiosamente documentais dos mil buracos meio ignorados do mundo?

Não, não as canto, tenho-as vívido, deploro-as, conheço-as demais.

Sair desse mesquinho, anulá-lo, anular a minha inutilidade, excedê-la, ultrapassar o meu invariável cotidiano morto, magro, acanhado, é que me interessava. Mas sózina, por mim só, não posso, não sei. Não me interessava a grandeza, a aparência ou até o facto, repugnante nas exposições. Queria, apenas, sentir-me vencendo uma pobreza de ambiente, uma secura, uma insuficiência de espírito e de interesses, intilimos uns, gerais outros, que me desqualificam e me oprimem! Eu tenho a real sensação, a noção de que sou oprimido, de que sou sujeita a um meio muito pobre e mal formado! Um meio caoussissimant, que sempre prendeu, nunca dilatou o espírito.

Esta língua não é minha... Esta língua não deve ser já a minha, não é. Tem uma violência juvenil, quase forçada, que me não quadra. Isto devia eu tê-lo dito há muito tempo, quando dizê-lo significasse lançar-me com coragem em aventuras, em conquistas do espírito.

Hoje, ainda agora mesmo, vendo os meus afilhadinhos, achava que a vida tem três prazos, e que eu encaitava o terceiro. É muitíssimo ridículo nós enganarmos-nos! Coisas, e até um sentimento íntimo, nos informam de que tal é assim e não de outro modo, que a vida e o seu vigor decretem em nós, por exemplo. Para quê, pois, usar o estilo, os arrebatamentos e as fórmulas da fé desesperada, mas da fé? Fazer críticas violentas, exceder, pela ambição, um estado quo natural?

Fiz esta manhã certos confrontos entre um conto que li e a pessoa do carroceiro com quem ontem conversei.

Chovia. Saí do eléctrico nos Caminhos de Ferro e meti-me debaixo do telheiro da estação, onde costumam estacionar as carroças, mas cá à ponta, pelo medo que tenho das patas dos cavalos e dos bois. Medo muito antigo, pouco bucólico, mas enfim, real.

Diz-me um carroceiro: chegue-se mais para aqui, eu tomo conta no cavalo, não esteja a apanhar chuva nos pés.

Reparei no cavalo, que estava acanhado. Era um belo cavalo preto, corpulento, com o pêlo de um luzidio luscivo e agradável.

O carroceiro começou a falar do seu cavalo. Mordia, era um mau animal. Já se tinham dado com ele muitos casos. Até com um senhor. Afrou-lhe os dentes a um braço! Mas ela não o obrigou a pagar o casaco roto, era boa. De uma vez um sujeito é que o ameaçou com a polícia. Etc.

A mata-mata do carroceiro era o defeito do animal e a polícia. Disfarçar este defeito, fugir à polícia.

Pensamentos muito simples, uma conversa patente, sem subterfúgios. O carroceiro tinha uma boca estúpida, pequena e carnuda, aberta para cima, e os olhos redondos e piscos. No entanto, não me era repugnante nem antipático. Considero-o um amigo de ocasião. Bom modo, encaído, gosto de falar.

Hoje leio este conto, agradável, literariamente interessante, subtil, e por ter conversado com aquele carroceiro, francamente por isso, reconheci, percebi melhor certo tom, certa vibração da artificialidade literária. Este conto é curioso, é gracioso, é inteligente, mas está elevado da psicologia do seu autor... carregado de finura crítica, de excessi-

va finura crítica, embora materialmente velada, posta às costas de um banal britador de pedra. A moral deste conto é gratuita, e igualmente gratuitas as frouxas curiosidades do seu protagonista. E também é cheio de atitudes fotográficas. Há nele, no entanto, um fotográfico claro, refrescante e incondicionalmente reconhecível: o dos lugares. Aquêle onde o britador mais se demorou. Os montes de pedra, o jardim da vivenda ao lado. Coisas circuncritas pelos olhos de uma cabeça inclinada. Interessantes, por isso.

Mas a mim própria me pergunto, tendo lido este conto e conversado com o carroceiro (perguntas para me esclarecer, à custa embora dos meus juízos) se o romance ou o romanesco literário se pode e se deve fillar puramente no acaso dos conhecimentos, das observações, e em certo poder divinatório do romancista? ou seja, no fortuitismo dos conhecimentos e na invenção psíquica, livre, do escritor? Se o romance, cimentado com estas bases, que me parecem limitadas e esporádicas, muito variáveis, chegará a adquirir um carácter ou sequer uma aparência de legitimidade e de formalidade suficientes?

Este conto tem, certamente, relevo literário, observações e lógica, é acessível e aceitável, é até uma peça de espírito... Só me faz pensar, no entanto, que corrompe a realidade objectiva de que se serve, que não é cabalmente justo. Este carácter de parcialidade espiritual, de invasão individualista, é corrente hoje na literatura, e tem a sua filosofia. Percebo-o, percebo-o quem quer que seja. É a representação e a imposição do indivíduo, da sua verdade e dos seus interesses, através de todos e de tudo, é uma defesa particular do homem, uma oposição à grossa massa da etotalidades, opressora ou oprimida. Através do próprio romance, o seu autor individualiza-se, extrema-se das suas criações, fazendo-se distinguir entre elas.

Mas tal processo, frequentemente brilhante, não deixa de se me afigurar falível, desabusado, estreito. Projecta grandes sombras sobre o comum da humanidade, desfigura-a ou até a empobrece, insensivelmente. Ensombra-a.

A psicologia individual, ao serviço do romance, não deveria voltar a ceder um pouco mais de terreno à realidade física, aos caracteres gerais, às descrições desinteressadas? Não quero com isto dizer que o novo romance devesses prender para o paisagismo e a exterioridade, simplória, vasia e descomplicada, como nos parece geralmente ser... Mas que voltasse a abrir-se um pouco mais ao geral, físico ou psíquico.

Tenho meio lido um livro de Lawrence. Um livro irritante a muito menos seguro que a sua Lady Chatterley. Cheio de realidades físicas, como acabo de exigir... A burguesia e a aristocracia inglesas, uma vila mineira, Londres dos artistas, sociedades de ricos e de intelectuais, o campo, festejos populares, vida e morte, sensualismo físico e mental, etc. Neste livro Lawrence movimenta grandes corpos materiais e uma extrema variedade de interesses. Mas... movimentação artificialmente. É abusivamente dialéctico, e pessoal em excesso. Os seus ambientes e os seus amores, os seus decadentes e os seus críticos, são as suas simples emarionetess. A sua alma, as suas exigências, as suas impotências, as suas invenções, impõem-se, a despeito de tudo, com uma convicção frouxa e formal.

Que exigir, na verdade, do romance? Generalidade? Talvez. Mas além disso?

O romancista era o romance; não pode, certamente, nem seria útil, deixar de o repassar a sua cultura e das suas paixões, dos seus gostos e da sua filosofia, de se decantarem moralmente nele. Mas quando ele excede tudo isto e lhe dá uma vibração largamente mundanal...

quando o torna permeável a um seu contrário ou a um seu excedente, sentimo-lo nosso, sentimo-nos nele, sentimos a terra firme...

«Un homme si simple, de Henri Bailion, que li há três anos, é um livro superior. Nele encontrei a dor do escritor, a sua observação de si, desencantada, pessimista, amarga, cáustica, e a dor do mundo. Cada figura é um símbolo, uma idade, um temperamento. O meio é o que é, sem desfiguração, tão limitado e objectivo, tão apreadado a subjectivo, quanto a adaptação do indivíduo a ele o pode dar. A névoa de loucura, de sadismo geral, de miséria acéle, que corre este livro, de ponta a ponta, torna-o amável... Oh! tão íntimo! Ridiculariza até o leitor, nem sei bem como. O autor sofre nele ao seu modo, e nós vemo-lo sofrer, sofrer riado-se de nós. A sua admirável frase sobre o grande artista: via tudo sem rouge et en orli...»

Ora eu disse, gratuitamente, como um crítico de encomenda, precipitado, que o individualismo literário é uma posição crítica, uma posição adversa e oposta a uma corrente moral, social, cerrada; uma, como outro... Fico sempre repêsa de tudo quanto afirmo; nada me parece mais ligeiro e incerto que uma afirmação. Receto todas as afirmações e todas as sentenças. A sentença é a norma, a ordem aos soldados que não arbitram a sua pessoal conduta, nem a criticam; a afirmação é frequentemente um toque ou uma marca de suficiência.

O individualismo literário! Falem dêles os estudiosos da literatura; nanja eu, sua amadora, nanja eu, pequeno oficial do ofício. A lavadeira não sabe falar das qualidades dos sabões, nem o padeiro do valor das farinhas. Realmente, cada qual que se contente com os hábitos que tem.

Passo lá de longe em longe por estes homens afrontados de papéis, o que me inspira é dó. Dó? Não é um dó simpático, terno. É uma espécie de compaixão sem efeitos, desinteressada e impessoal, vasta, desinteressada.

A cara que ontem aquele levantou para mim! Conheci-o naquele momento, não é antipático. Mas faz-me esperar pelo menos uma hora num corredor, não o procurando eu por interesses particulares. A esperar a pensando: estes contínuos, estes guardiões desocupados, conheço-os há tantos anos! Vêm tanta gente, indiferentes! Há um espírito nestes lugares; quem o soubesse surpreender e analisar a fundo... A alma familiar de tudo isto é, afinal, a dos contínuos? Deve ser a menos deformada, a que povoa característicamente e uniformemente a casa. Tudo o resto é mudável, transitório, e falsamente impudável. Os contínuos são de uma impassibilidade natural, feita pelo espaço, que os obriga a voltas muito curtas, entremeadas de grandes estações sentadas; feita pela sua discreta ociosidade, etc.

Mas a cara que aquele senhor director ontem me mostrou! Uma cara que se levantava dos papéis, balofa, plástica. Uma cara larga, sem lunetas, nem óculos, mais acolhedora que reservada. Mas tão cansada!

O seu mole estender de mão, que estranhei (porque havia aquele homem de me estender a mão?) como se estranham, de repente, os automatismos inesperados, devassados; as suas palavras medidas a desinteressadas...

Sai e fui pensando: a vida, a desconsolada vida dos manejaadores de cordões escitados? Deve ser a menos fabricou para a sua socialização: a ordem escrita... Quantos escravos não gera! Quantos entes despersonaliza por ela em

cada hora, exgotados, arrasados, mecanizados...

Sinto-me súbitamente ferida, agastada, desconsiderada. Não! súbitamente não... Dou corpo, coragem a velhas sensações de revolta. Tenho pensamentos crús, malévolo. Mas pouco a pouco reconheço que ninguém me molestou. Estou entre os desinteressantes, os insignificantes, os baixos. E não me fizeram notar, notei-o eu, fortuitamente.

Sofro do que muitos outros sofrem, de desqualificação. Mas pouco a pouco, dia a dia, vou retomando o meu natural. Desamarro o burro, torno a falar e a ouvir; animo também a minha inesgotável e indeterminada curiosidade, a minha distractiva e desinteressada curiosidade.

Reconheço, a despeito de vegetal numa espécie de buraco sem vida, sózina, que as criaturas se escondem, se encobrem, se defendem todas umas das outras. Porquê?

A minha pergunta é estúpida. Ou então deveria incluir resposta, ser imediatamente seguida da resposta, por hipótese. Mas não inclui.

Percebo, e nisto me fico, que as criaturas cultivam os seus mistérios, se furtam umas às outras, correndo as suas rotas obscuras. Que se subordinam a interesses que não confessam, que veladamente mantêm e defendem.

Mas tanto gostava de conhecer, de bem conhecer isso que as conforma, a estas, o não sei que lhes subtiliza ou altera a estrutura! É gente que veio viver, e que por isso mesmo me interessa, a quem não posso querer mal.

Li ontem à noite um estudo sobre Nietzsche e umas notas sobre a reforma da educação na Alemanha. Duas coisas de interesse.

Pego hoje nesta revista francesa de higiene mental e leio um bonito estudo sobre as glândulas endócrinas. Que prazer o de se seguir a bela, correcta, parcimoniosa e amena exposição! Quasi insensivelmente noto que há uma útil seqüência de pequenos juízos conduzindo-nos o espírito, uma perfeita colocação de palavras, etc. Em todo o estudo, economia mental e clareza e segurança de verbo. Valores gratíssimos num trabalho científico, mais ainda, e mais indispensáveis que num literário, de expressão e sensibilidade.

O novo tipo de educação alemã, definido naquelas notas, é que me parece desdenhar francamente da cultura do espírito, ataca-la até, retirando-lhe os direitos de título e de indispensável. A base da educação deverá ser física e não mental, não cultural, é o que isto diz.

No entanto, seguindo, lendo por gosto este belo trabalho de divulgação científica de um francês a quem o outro estudo sobre Nietzsche de uma francesa, não posso duvidar nem descrever dos valores do espírito... De que grosseria e de que abdicação do entendimento me devia eu armar para os renegar, para os diminuir? A soma de ideias, a dose de análise, de crítica, e mesmo de boa exposição destes estudos mostram-me que o exercício do espírito não é inútil, nem estéril. E julgo, também, que um país, uma geração ou uma sociedade que o rebaixem, se brutalizam e enfraquecem.

Este verão del-me a um trabalho um pouco pueril. Juntel, em ar de escautos, umas incertas lembranças da minha infância. Incertas, é como dizer, soltas. Tentava-me a literatura biográfica. Mas logo puz de parte o intento, não me sentia madura para ele. Bem o percebi, suspendendo-o sem interesse de o retomar, e melhor o percebo hoje lendo este admirável, suave, diáfano

auto-crítico Tonio Kroger, de T. Mann.

A história da minha infância e da minha adolescência, que me andou uns tempos viva no espírito, não sei porque disparatada, ambição de a descrever e de me chorar, naturalmente, desde os meus mais recuados sobressaltos de coração, essa história, desse-lhe eu a feição a a aparência descritiva que lhe desse, para não ficar reduzida a um drama estreito e piegas, pedia-me uma observação rememorativa, um espectralismo, um delicado sentido de presença e de distância, de paixão e de crítica, temperando-se, uma serenidade e uma audácia analítica... Isto para não me pintar irrealisticamente, nem aos outros... que eu bem sei ultrapassarem de muito os meus poderes!

Não me tentam os romancinhos brancos, as baladas da bela adormecida, desconcertam-me também, excedem-me mesmo as novelas de factos. Não me interessam os quadros pitorescos, violentos, nem os de confusas meias-tintas; desinteressam-me francamente a imaginação gratuita, a lenda, a o já banal, esgotado retrocessivismo romântico das belas deformações voluntárias.

Projectada no meu passado infantil, ou retirada dele para o justificar e evocar, não me apetecia figurar de anjo voador sem pés sem péso, humanidade nem materialidade, fantástico germe de um futuro ser incompleto e sem peccado, como geralmente se nos apresentam os infantes das auto-biografias.

Mas como pintar-me, e naquele diluído tempo da minha enervada e vexada adolescência, o meu lapso de vida mais inseguro e mais dramático, como pintar-me nem exageradamente defetuosos nem perfeita, com a pessoal substância humana que

RUMMO

por MANUEL FILIPE

Os países são segundos, os segundos do espaço onde eu nasci. Com os dedos cobertos de estrelas que iluminarão o meu caminho, vou. Nada acabará para mim. Amanhã é uma cidade mais bela, mais vermelha que as outras, onde a partida é uma chegada e o repouso um túmulo. A linha do horizonte brilha como uma barra de aço, como um fio que é preciso cortar para não repousar jamais.